



REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVIDÃO NAS NARRATIVAS ORAIS E ESCRITAS DE PEDRO BRAGA

REPRESENTATIONS OF SLAVERY IN PEDRO BRAGA'S ORAL AND WRITTEN NARRATIVES

Valdir Macedo Neto¹
Pedro Victor Silveira Ferreira²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como a escravidão é representada nas memórias narradas por Pedro Cordeiro Braga (1917-2000). Ele viveu em uma comunidade marcada pela exploração da mineração e pelos vestígios da escravidão, e, em suas narrativas, os escravizados são colocados como protagonistas, figuras centrais de sofrimento, resistência e ação. O artigo explora a relevância da história oral na preservação das memórias de comunidades marginalizadas, com foco especial nas memórias guardadas pelo sr. Pedro, que foi um contador de histórias que preservou memórias que lhe foram transmitidas, não só contando-as mas, mesmo com baixa escolaridade formal, também escrevendo-as em diversos cadernos (escritos entre o ano 1988 e 1997). A análise teórica passa por autores como Portelli e Catroga, que tratam da diferença entre memória e história, mostrando como Braga, ao registrar suas narrativas, misturou história e imaginação, revelando a importância dessas histórias para a construção da identidade coletiva do Vau. O trabalho de Braga se destaca pela mescla de oralidade e escrita, criando um "entrelugar" entre essas duas formas de preservação da memória. Além disso, o artigo demonstra como a história dos escravizados permanece viva nas memórias e nas tradições da região.

Palavras-chave: história oral; memória; escravidão.

ABSTRACT

This article aims to analyze how slavery is represented in the memories narrated by Pedro Cordeiro Braga (1917-2000). He lived in a community marked by mining exploitation and the remnants of slavery, and in his narratives, the enslaved are portrayed as protagonists, central figures of suffering, resistance, and action. The article explores the relevance of oral history in preserving the memories of marginalized communities, with a special focus on the memories preserved by Mr. Pedro, who was a storyteller that kept alive the stories passed down to him, not only by recounting them but also, despite his limited formal education, by writing them down in several notebooks (written between 1988 and 1997). The theoretical analysis draws on authors such as Portelli and Catroga, who address the difference between memory and history, showing how Braga, in documenting his narratives, intertwined history with imagination, revealing the importance of these stories for the construction of the collective identity of the Vau. Braga's work stands out for its blend of orality and writing, creating a "third space" between these two forms of memory preservation. Moreover, the article demonstrates how the history of enslaved people remains alive in the memories and traditions of the region.

Keywords: oral history; memory; slavery.

¹ Aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em História Social (PPGH) da Universidade Estadual de Montes Claros, sob orientação do prof. Dr. Renato da Silva Dias na linha de pesquisa Poder, Trabalho e Identidades. Artigo desenvolvido durante a disciplina de "História, Identidade e Memória". Contato: eu@netomacedo.com

² Aluno de mestrado do PPGH da Unimontes, sob orientação da professora Dra. Ester Liberato Pereira na linha de "Cultura, Relações Sociais e Gênero". Contato: pedrovsilveira@outlook.com



A história oral tem sido uma ferramenta crucial na preservação das memórias de comunidades e indivíduos que, muitas vezes, não são contemplados nos registros históricos oficiais, como a população escravizada. Pedro Cordeiro Braga (1917-2000), que nasceu e viveu por toda sua vida no povoado do Vau, em Diamantina - Minas Gerais, atuou por anos como guardião da memória oral local, contador de histórias e, apesar de só ter estudado até o 3º ano do primário, escritor de cartas, agente voluntário dos correios e poeta. Em seus relatos, a figura do negro escravizado é um personagem recorrente.

É importante destacar que, diferente da maioria dos narradores orais do Vale do Jequitinhonha, o Sr. Pedro decidiu ir além da oralidade para registrar, por escrito, as histórias de sua comunidade e sua própria autobiografia, tal qual o personagem Antônio Biá, do filme *Narradores de Javé*³. Suas narrativas faladas e escritas — neste último caso, tanto em prosa quanto em versos — oferecem um retrato detalhado da vida no Vau, das dinâmicas familiares e das tradições locais. Ao mesmo tempo, expõem as suas reflexões críticas sobre os desafios enfrentados por essa comunidade. Entre esses desafios, as memórias do período da escravidão ocupam um lugar central em suas representações, tanto orais quanto escritas.

O objetivo deste artigo é fornecer um olhar sobre como os escravizados foram representados nas narrativas de Pedro Braga, tanto nas histórias orais que ele transmitia quanto em suas representações escritas. Utilizando-se de uma abordagem teórica fundamentada nos conceitos de história oral, buscamos entender como Braga articula a experiência dos escravizados em suas contações, o que essas representações revelam sobre a comunidade do Vau e qual era o papel do narrador na preservação dessas memórias.

Casos como os de Braga revelam as vivências de uma comunidade marcada por experiências históricas, como o período do garimpo e a herança da escravidão, oferecendo por meio da memória, uma interpretação própria dos eventos e das mudanças vividas ao longo do tempo. Isso torna a análise dessas histórias, essenciais, para entender a construção da identidade coletiva e como o passado é ressignificado e reinterpretado pelas gerações. A memória, nesse sentido, atua como um elemento crucial na formação de laços sociais e na manutenção de tradições culturais.

³ Filme brasileiro em coprodução com a França de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé. No filme, a pequena cidade Javé será submersa pelas águas de uma represa. Seus moradores não serão indenizados e não foram sequer notificados porque não possuem registros nem documentos das terras. Inconformados, descobrem que o local poderia ser preservado se tivesse um patrimônio histórico de valor comprovado em "documento científico". Decidem então escrever a história da cidade, mas poucos sabem ler e, só um morador, o carteiro Antônio Biá, sabe escrever. Biá descobre que a dificuldade de encontrar uma verdade histórica a partir das narrativas orais quando afirma que "uma coisa é o fato falado, outra coisa é o fato escrito".



UM NARRADOR ÀS MARGENS DO JEQUITINHONHA

A figura de Pedro Braga é indissociável do Povoado do Vau, local esse que, para ele, não era apenas uma posição geográfica, mas um espaço de memórias e tradições compartilhadas pela comunidade ao longo das gerações. Por isso, é necessário situar esse personagem e o seu lugar no mundo. O distrito do Vau está localizado às margens da Estrada Real⁴, num trecho que compreende as regiões entre o município de Diamantina e o município de Serro. O Rio Jequitinhonha banha o povoado e serve como fronteira natural entre os dois municípios. Vem daí o nome “Vau”: um determinado ponto no rio por onde é possível atravessar a pé ou a cavalo.

Circunvizinhos ao Vau, há também o distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras (7km), Milho Verde (12km) e a comunidade de Santa Cruz (5km), povoada por populações quilombolas, possíveis descendentes de escravizados que figuram nas histórias relatadas por Pedro Braga.

Alguns naturalistas do século XIX, que passaram pelo Vau, deixaram comentários sobre o lugar. Auguste Saint-Hilaire (2004), naturalista francês do séc. XIX, em 1817, menciona o Vau como parte de uma região montanhosa e agreste, com abundantes nascentes d'água, parte de um antigo serviço de diamantes. Embora, no tempo de sua visita, as atividades de mineração fossem esporádicas. Na metade do século XIX, quase 100 anos antes do tempo do Sr. Pedro, George Gardner ([1849] 1975, p.214), botânico inglês que passou pela região, já comentava como a atividade garimpeira estava em declínio. Spix e Martius (1981, p. 27), que também visitaram o Vau ainda no início do século XIX, chegaram a descrever os escravizados como pessoas que executavam a dura tarefa de lavar os diamantes do cascalho do rio e do solo argiloso no garimpo de Borbas, hoje um sítio arqueológico⁵, e que habitavam choças.

Pedro Braga, mesmo nascido mais de três décadas após a abolição da escravatura, recorreu a memórias herdadas e a histórias transmitidas, de geração em geração, para reconstruir o imaginário do período escravista. Essa atuação do Sr. Pedro visava não somente preservar, mas também dar continuidade a esta tradição local, que ele chamava de “certas tradições”, se referindo a um conjunto de práticas, valores e histórias transmitidas, de

⁴ A Estrada Real, com mais de 1.630 quilômetros de extensão, surgiu em meados do século XVIII, quando a coroa portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o trânsito de ouro e diamantes na capitania das Minas do Ouro até os portos do Rio de Janeiro. As trilhas traçadas pela realeza ganharam o nome de Estrada Real, hoje gerida pelo Instituto Estrada Real, ligado ao sistema FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais), sendo hoje a maior rota turística do país (Fonte: institutoestradaareal.com.br. Acesso em 12/09/2024)

⁵ Em 2020, Gilson Junio de Andrade Demétrio defendeu a dissertação "Do ouro ao diamante - a paisagem da mineração no Alto Vale do Jequitinhonha: estudo do Complexo Arqueológico Borbas, século XIX, Diamantina/MG", pela Universidade Estadual dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, onde estudou detalhadamente o complexo.



geração em geração, dentro de sua comunidade. A reverência a essas práticas demonstra como ele valorizava a continuidade e preservação desses elementos. Em uma visita ao povoado do Vau, em 1988, o professor Reinaldo Martiniano Marques, em entrevista, pôde inquiri-lo sobre essas tradições:

Pedro Braga: *A gente deve escrever o que pode comprovar*, porque a gente... escrever uma mentira, depois ela vai justificar que foi mentira... perde a graça, não é?

Entrevistador: Então, escrever para o senhor é aquilo que viu, que viveu?

Pedro Braga: É sim. Ou então, *certas tradições*. Porque tem certas tradições que a gente vê que aconteceu, não é? Então o que eu gosto de escrever é justamente o que pode ser comprovado (Pedro Cordeiro Braga, 1988. Grifo nosso).

Do trecho acima, podemos depreender que Pedro Braga utilizava como fonte de informação as tradições transmitidas oralmente por seus pais e avós, ato comum em culturas na qual a oralidade desempenha um papel crucial na preservação da história e das tradições. De acordo com ele, as informações que adquiriu foram repassadas por pessoas que viveram no século XIX, como seu pai, José Elias Braga, que nasceu em 22 de fevereiro de 1875⁶.

Segundo Fernando Catroga (2001, p. 26-27), a transmissão de conhecimento de geração em geração, especialmente no contexto das memórias coletivas e individuais, reflete a importância da memória na construção e manutenção da identidade cultural de uma comunidade. Catroga explica como a memória é uma atividade que articula o passado com o presente, criando um sentido de continuidade e pertencimento. Essa memória, ao ser transmitida através de rituais e práticas sociais, solidifica laços de identidade coletiva, seja em termos de genealogia, classe ou nação.

Catroga (2001) ainda explica que a memória não é uma simples reconstituição do passado, mas um processo ativo de ressignificação que envolve o esquecimento e a lembrança em uma dialética constante (p. 30), um processo vital para a manutenção das tradições e identidades culturais, uma vez que permite às comunidades se situarem no tempo e no espaço, reforçando seus laços internos e distinguindo-se dos "outros". Ele define a memória coletiva como um fenômeno que transcende o simples ato individual de lembrar, situando-se no âmbito das práticas e rituais sociais que compartilham e constroem uma memória comum dentro de uma comunidade.

A atuação do Sr. Pedro, que estudaremos a seguir, contribuiu para a perpetuação de uma memória coletiva. As histórias e tradições que ele registrou não são apenas lembranças pessoais, mas compartilhadas, se tornando, então, uma ponte entre o passado e o presente,

⁶ Tal qual registrado por Pedro Braga, no seu Caderno de Escritos nº 06, 1988, p. 166.



garantindo que as narrativas culturais e históricas de sua comunidade sejam lembradas, reinterpretadas e passadas para as futuras gerações.

Alguns trabalhos já citam ou tomam como objeto de pesquisa o Sr. Pedro Braga. Dentre estes trabalhos, podemos citar o livro "O Artesão da Memória no Vale do Jequitinhonha", de Vera Lúcia Felício Pereira (1996), que se dedicou a explicar o fenômeno dos narradores orais — Pedro Braga incluso — em algumas localidades espalhadas pelo Vale do Jequitinhonha.

Segundo Pereira, a memória está na base da tradição que transmite eventos significativos de uma geração para outra, com o contador de histórias atuando como o herói, numa função quase mítica, que conecta religiosamente os membros da comunidade às suas raízes mais autênticas. Por meio dessa atividade de rememoração, o narrador assume a forma de memória viva do grupo, mantendo a unidade e a história com a autoridade de quem testemunhou e experimentou os eventos (PEREIRA, 1996, p. 13-14). No caso do Sr. Pedro, este testemunho também era comprovado por meio do seu contato com os antigos, já que: "têm certas tradições que a gente vê que aconteceu, não é? Então o que eu gosto de escrever é justamente o que pode ser comprovado" (PEDRO CORDEIRO BRAGA, 1988).

Ainda de acordo com Pereira (1996, p. 14), o compartilhamento de experiências é a fonte das narrativas orais que transformam um simples ato corriqueiro em uma tradição que carrega em si uma dimensão de utilidade, seja no ensino moral, na sugestão prática, na norma de vida, ou na tentativa de cura dos males que afligem os membros do grupo.

No caso das histórias contadas por Pedro Braga em relação ao período da escravidão, um tema sempre presente é a brutalidade e a exploração vivida pelos escravizados, descrevendo cenas de violência, resistência e a vida cotidiana dos cativos. Por exemplo, na história abaixo, Braga nos relata o caso da escravizada Luzia, que era a cozinheira dos negros cativos de um certo Sr. Joaquim de Paula:

Pedro Braga: Era escrava do Joaquim de Paula, a cozinheira dos negros. De muita confiança do Joaquim de Paula. E tinha um dos negros que (...) ele gostava muito dela, mas, era interessado, né? Então, ela não dava a ele a mínima confiança. Um dia o Joaquim de Paula mandou ela no Vau. Ela veio no Vau e ele ficou atocaiando... ele tava num serviço aí... Então, quando ele viu ela descendo, ele veio esperar ela nesse mato. Quando ela foi passando ele agrediu ela e correu dele e ele correu atrás, chegou lá onde tava a cruz. Ele correu atrás e chegou lá na onde tá a cruz. Ela não aguentou mais correr e, chegando lá, ele esfaqueou ela e matou (Pedro Cordeiro Braga, 1988. Grifo nosso).

A história narrada descreve o feminicídio de Luzia, escrava de Joaquim de Paula que, sendo assediada por um outro escravizado, não cedeu a essas tentativas e acabou



brutalmente assassinada a golpes de faca. Uma cruz permanece até hoje em uma estrada do povoado, lembrando o local da morte, chamada de "Cruz da Luzia".

O caso de Luzia aparece de maneira recorrente durante entrevistas na comunidade quilombola de Santa Cruz, vizinha do Vau, em um artigo sobre práticas de cuidado compartilhadas por mulheres quilombolas no Alto Jequitinhonha, sendo considerada um dos mitos fundadores da comunidade (LEITE ET AL., 2019, p. 21). A narrativa, transmitida oralmente por gerações e gerações na comunidade, retrata Luzia como uma mulher negra que resistiu aos abusos do fazendeiro — e não de outro escravizado, como nos contou Pedro Braga —, recusando-se a submeter-se às violências impetradas pelo seu senhor. Sua recusa resultou em uma morte brutal, com partes de seu corpo deixadas em um local, hoje, marcado pela já citada "Cruz da Luzia".

Ajustes como esse feitos à história narrada, acontecem, frequentemente, em histórias que são transmitidas oralmente, nas quais os personagens e eventos podem ser ajustados para refletir moralidades, relações de poder e dinâmicas sociais presentes na época. A mudança do agressor de um senhor de escravos para outro escravizado pode refletir uma tentativa de evitar o confronto direto com a figura do senhor, como principal opressor em uma comunidade, ainda marcada pelas desigualdades e resquícios de poder senhorial. A versão de Braga pode, portanto, funcionar como um reflexo da complexa rede de relações sociais no Vau, na qual ele procura talvez preservar uma forma de coexistência dentro da memória comunitária, sem apontar o fazendeiro diretamente como autor de violências.

Independentemente, este relato em específico, mostra que a história de Luzia permanece viva, se integrando ao imaginário do povoado a partir de um evento que moldou a história local e garantiu que as memórias daqueles que foram subjugados continuem vivas.

ENTRELUGAR: HISTÓRIA ORAL E ESCRITA

Como já dito anteriormente, além de "contar causos", Pedro Braga escreveu em cadernos, de numerosas páginas, boa parte de suas memórias. Tivemos acesso a seis destes cadernos, que foram escritos entre o ano 1988 e 1997, digitalizados e transcritos pela pesquisadora Lúcia Nascimento entre 2001 e 2002. No trecho abaixo, a exemplo, retirado do caderno nº 06⁷, Pedro Braga escreveu sobre a formação do distrito.

⁷ Escrito por Pedro Braga no final da década de 1980, o Caderno nº 06 é o mais extenso e menos repetitivo dos cadernos aos quais tivemos acesso. Enquanto nos outros blocos pode-se encontrar uma série de rascunhos para cartas, pensamentos diversos e versões diferentes dos mesmos poemas e versos, no Caderno nº 6 é onde encontramos o pensamento mais refinado e organizado do



Outros detalhes vou deichar eu Pedro Cordeiro Braga as partis historica di Vau escrita comformi as tradições di meus pais trazozida di seus avós sendo na era do séculos fims do ceculo 16 a prinçipio do ceculo 17 foi criada a Vila do principi houji a çidadi do Serro. Temdo esta linha di comunicação di Vila Rica a tradicional cidadi di Ouro Prêto. Semdo disbravado pelos bamdeiranti até o local ondi foi elevada a historica cidadi di Diamantina. Semdo o único trêcho do rio Jequitemhonha que conceguiram travessar foi em Vau ficando esti nomi di origem pela passagem (Braga, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 90. Grifo nosso).

A referência ao "fim do século XVI e princípio do século XVII", como o período de criação da Vila do Serro e o papel dos bandeirantes na região, contradizem os registros históricos estabelecidos que situam esses eventos no século XVIII. Alessandro Portelli (1997, p. 30) explica que esta discrepância não necessariamente desacredita um relato oral, mas destaca como a construção da memória pode fornecer uma "verdade diferente", emocional ou simbólica, que fala mais sobre as percepções e as realidades vividas pela comunidade do que sobre os fatos objetivos. No caso do Sr. Pedro, sua narrativa pode revelar como a comunidade do Vau percebe sua origem e sua importância histórica, vindo na ideia de o povoado possuir uma história muito antiga, um elemento central e nobre da fundação da sua localidade.

Diante de sua atuação no campo da escrita, algo incomum entre os narradores do Jequitinhonha, podemos visualizar Pedro Braga como um sujeito posicionado em um entrelugar que conecta as dimensões da oralidade, da história e da literatura. O conceito de entrelugar, conforme exposto por Cláudio Benito Ferraz (2014, p. 16), refere-se a um espaço de fronteira que, ao mesmo tempo em que separa e delimita, também permite o contato e a aproximação entre diferentes mundos. Nesse sentido, o Sr. Pedro vive, narra e escreve em uma região limítrofe — tanto geográfica quanto cultural — onde essas três dimensões se entrelaçam de forma única.

Na dissertação de mestrado de Josiley Francisco de Souza (2006) no campo dos Estudos Literários, de título "Pedro Braga: uma voz no Vau", o autor concentrou-se em realizar uma análise de seus escritos. Segundo Souza, a produção literária de Pedro Braga é marcada por uma forte presença da oralidade. Seus escritos carregam em si as marcas da oralidade, tanto na estrutura quanto na função. Os textos mantêm a cadência, o ritmo e a função social das narrativas orais (SOUZA, 2016, p. 110). Isso confere um caráter poético e vivaz a seus textos, aproximando esses textos da tradição dos contadores de histórias. Assim, analisaremos suas histórias não como literatura formal, mas como uma transposição da narrativa oral, com todas as características e valores que ela carrega.

autor, ou seja, onde ele desenvolve a fundo a sua visão sobre a identidade e a história da formação da comunidade do Vau, Diamantina e sua família. Neste caderno ele também registra para a posteridade seus pensamentos sobre o mundo.



No texto abaixo, a história da Serra do Relá-Pôpa e do escravizado que a deu nome, ilustra como os eventos históricos e geográficos, frequentemente, deixam marcas na nomenclatura dos lugares e na formação da identidade local.

Outros detalhes

dentro da povoação morava um Senhor Manoel Tiotano eu ainda *alcançei* nas portas centrais onde era a residência dele tinha vários arreios de madeira onde passava cordas de bacalhão morava as vítimas cativos pela cintura mandava que outro puxasse a corda para o negro ficar sus penso impedido de mover apanhava severas surras de chiquoti de couro de anta alguns fugia ele mandava os pedreiros procurar aquele escravo que era mais desobediente mandava matar ele queria ver o menos a orelha do escravo era a onde que ele dava

abaixo do Vau um pouco quilômetros tem uma serra que ficou com o nome de serra relá poupa Certa vez um desti escravo fugiu e alcançando serra por onde traz dela tem uma lapa de morada este negro agasalhou nesta lapa

através de dias os pedreiros deste senhor descobriu este escravo pela sua infelicidade ele ardeu morrer ou reviver escapou das mãos dos pedreiros queimou nesta lapa e foi relando a poupa até chegar dentro do rio está esta serra como prova ela deve ter mais de cem metros de campo, mais afinal ele chegou ao rio já sem vida (Braga, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 114-115. Grifo nosso).

Neste caso, o escritor acredita que o nome deriva da trágica tentativa de fuga de um homem escravizado que, para escapar do cruel captor, desceu uma serra íngreme, resultando em ferimentos fatais. Esse evento, associado à geografia específica do local, não apenas supostamente fornece um nome característico à serra, mas encapsula uma narrativa de resistência e sofrimento, integrando-se ao patrimônio cultural do povoado.

O termo "alcançar", que aparece inúmeras vezes nos escritos e na fala do Sr. Pedro, parece ser usado no sentido de obter ou receber conhecimento e tradições passadas oralmente, de geração para geração. Ele fala sobre "alcançar" tradições como um processo de herdar e assimilar conhecimentos e histórias contadas por seus antecessores.

Buscando entender a história a partir da perspectiva das pessoas comuns e suas experiências cotidianas, ao estudar a vida e a atuação de Pedro Braga como contador de histórias da comunidade do Povoado do Vau, esta pesquisa assume uma perspectiva que prioriza a história local e a "verdade" das pessoas comuns (PORTELLI, 1997, p. 150). Portelli destaca a interseção entre memória e história, reconhecendo que as memórias individuais e coletivas são parte importante da construção da história.

Jacques Le Goff (1990, p. 437) argumenta que a memória é formada por múltiplas camadas, representando diferentes momentos do passado que se entrelaçam para servir ao presente e ao futuro. Sua produção envolve a transmissão contínua de conhecimento e lembranças ao longo do tempo, papel crucial desempenhado por Pedro Braga na narração



oral de histórias e na escrita dos cadernos que permitem que a memória da comunidade seja preservada e compartilhada, garantindo a continuidade de suas tradições culturais.

Adicionalmente, Le Goff faz uma distinção entre sociedades essencialmente de memória oral, e sociedades de memória escrita (1990, p. 390). A memória oral é intimamente ligada às dinâmicas sociais e ao cotidiano das comunidades, mantida através de rituais, celebrações, narrações e performances. Ela é dinâmica e pode ser alterada ou adaptada ao longo do tempo, refletindo as mudanças na sociedade e no contexto cultural. Já a memória escrita refere-se à documentação e registro do conhecimento através de textos escritos, permitindo uma forma mais estática e duradoura de armazenamento da informação, oferecendo a possibilidade de um acesso mais preciso e detalhado ao passado.

Em relação à atuação do Sr. Pedro, uma analogia pode ser feita ao considerar que, enquanto a memória é subjetiva e, frequentemente, vulnerável à distorção ou esquecimento, ele buscou solidificá-la por meio da escrita, transformando essas memórias em um registro duradouro. Ele reconheceu que essas memórias são essenciais para manter viva a identidade cultural do Vau e, ao registrá-las, não apenas as preservou, mas também transcendeu as limitações impostas pela oralidade e pelo tempo, cumprindo o papel da história ao buscar uma narrativa que perdure, ao mesmo tempo em que celebra e protege as memórias que formam a base da sua comunidade.

Para Portelli (1997), o relato oral pode trazer à tona histórias pessoais, experiências vividas e aspectos da vida cotidiana que são essenciais para uma compreensão mais completa do passado, como pôde ser demonstrado na história já supracitada da Serra do Rela-Pôpa, em que temos um vislumbre do tipo de tratamento ao qual pessoas escravizadas eram submetidas na região. Em contraponto, a memória escrita está sujeita às interpretações e aos contextos dos escritores, geralmente integrantes das elites. Histórias como a deste escravizado cuja perseguição e morte teriam, segundo a tradição oral do Vau, dado nome à Serra, normalmente não figuram nos registros oficiais.

Abaixo, um outro exemplo de história oculta que emerge de narrativas orais, contada por Pedro Braga, em entrevista:

Bom, conforme as tradições que eu tenho, que eu *alcancei*, eu estava com 9 anos, eu escutei um velho transmitindo para meu pai que o pai dele, sempre contava... Esse velho era o Ricardo Caetano Alves, neto do proprietário da Fazenda do Buraca. Então o pai dele contava que assistiu uma cena muito importante na fazenda dele. No dia de sábado, era muito de costume, os senhores, o Joaquim de Paula, o vigário e outros mais, dava um dia de folga para os cativos. Uns passeavam, outros iam dançar. Então, o Jacarandá, o encarregado dos cativos de Joaquim de Paula, que era conhecido como Pai Jacarandá, o Joaquim de Paula tratava ele Pai Jacarandá. Mandou convidar o Pai Ogô, que era o chefe dos escravos do vidigal, pra eles dançar um



semba, lá na fazenda do Delgado. Então chegou o Pai Ogô com uma certa quantidade de escravos para dançar o Semba. O Jacarandá mandou matar 3 galos pra dar eles de jantar. Depois desse jantar pronto, em ordem, que eles foram começar a jantar, o Pai Ogô levantou e disse: coma a carne, mas não rói cabeça de osso. Mandou que depositasse todos ossos em uma travessa. Através de todos jantarem ele levantou, puxou de uma capona de couro, tirou um pano aveludado e tampou, cobriu os ossos. E ali ele falou uma linguagem que ninguém entendeu. Uns 10 minutos. Depois ele aguardou um certo momento e, esse pai do Ricardo viu o pano mexendo. Ele foi, o próprio pai Ogô tirou o pano e tinha um galo perfeito. Ele foi e disse "canta galo!". O galo pulou em cima da mesa e cantou. O pai Jacarandá olhou assim e disse "volta galo pro seu lugar!". O galo voltou e desmanchou o negócio (BRAGA, Pedro Cordeiro, 1988. Grifo nosso).

Braga descreve uma cena supostamente vivida por escravos na Fazenda do Buraca, transmitida por gerações, e que ele ouviu de um ancião quando era criança. Uma narrativa que, não apenas preserva a memória de uma história contada em tempos remotos, mas também lança luz sobre as práticas culturais e costumes dos escravizados que, muitas vezes, não figuram nas narrativas oficiais.

Na narrativa de Braga, há elementos que são mágicos ou exagerados, como o ritual que transforma os ossos em um galo vivo. Ainda assim, Portelli (1997) argumenta que as incoerências e contradições nas narrativas não devem ser vistas como falhas, mas como oportunidades para entender melhor os processos de memória e interpretação. Essas partes da história fornecem dados sobre as crenças, rituais e a imaginação cultural dos escravos. A "mágica" do Pai Ogô pode ser vista como uma forma de resistência simbólica, uma maneira de afirmar poder e identidade em um contexto de opressão.

Relembrando o conceito de entrelugar, vemos um trecho da mesma história registrada por Pedro Braga em um de seus cadernos:

Comformi as sertas tradiçoes o chefi dos escravos do Senhor Vidigal era comhecido por pai ourubu porque era o mais preto di todos escravos comformi eu ouvia os mais velhos falar que eli tinha parti com o espiritu do mal ouvir muitos dizer que eli mexia angu com a mão (...);
travez di falas esta linguagem ums dez minutos depois em obiçervação todos que ali si achavão viram o pano mecher o pai Ourubú levantou tirou o pano um galo estava perfeito eli dissi canta angora o galo pulou na meza e cantou o Jacaranda emvermelhou os olhus e dissi volta angora para o seu lugar o galo voltou em ossos (BRAGA, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 126-128).

Outro ponto que podemos explorar, tanto na história narrada quanto na história escrita acima, é o fato de que este não é um evento diretamente testemunhado por Braga, mas sim uma história passada de geração em geração.

Segundo Catroga (2001, p. 18 e 20), a memória coletiva e a memória individual são conceitos que, embora distintos, estão profundamente interligados. A memória coletiva é



compartilhada por um grupo ou comunidade, englobando as tradições, mitos e narrativas que constituem a identidade cultural desse grupo. Ela é o resultado de um processo social no qual as lembranças são coletivamente construídas, mantidas e transmitidas de geração em geração. Por outro lado, a memória individual refere-se às lembranças e experiências pessoais de cada indivíduo. Embora essas memórias sejam únicas e subjetivas, elas não existem em um vácuo; ao contrário, são constantemente influenciadas pelo contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido.

O conteúdo da história narrada — a dança do semba, o ritual com os galos e as figuras de Pai Jacarandá e Pai Ogô — são elementos que pertencem à memória coletiva da comunidade do Vau, que conviveu com pessoas escravizadas.

Braga entendia que a memória não é estática; ela é viva, móvel e pode ser constantemente reconfigurada. Essa postura reflexiva e crítica é um dos aspectos que mais distingue Braga de outros narradores de sua época. Sua decisão de transitar entre a oralidade e a escrita demonstra, da sua parte, uma compreensão de que em um mundo em constante transformação, novas formas de preservar e transmitir a memória são necessárias. Ao colocar suas narrativas no papel, Braga não só assegurou a perpetuação dessas histórias, mas também criou uma espécie de arquivo pessoal que pode ser acessado por futuras gerações, garantindo que as histórias do Vau e de seus personagens não se perdessem no esquecimento.

A PRESENÇA DOS ESCRAVIZADOS NA NARRATIVA DE PEDRO BRAGA

Pedro Braga, como já dito anteriormente, viveu em um Brasil pós-abolição, onde a escravidão era — pelo menos oficialmente — algo do passado. No entanto, em seus textos, os escravizados ocupam um lugar central, principalmente por meio de histórias e tradições passadas oralmente de seus pais e avós. Sua narrativa evidencia um esforço em manter viva a memória desses personagens, recontando suas lutas, sofrimentos e as condições adversas que enfrentaram sob o sistema escravista.

Em seu trabalho de dissertação, Josiley Souza já destacava que o negro desempenhou um papel fundamental na construção da sociedade e cultura do povoado do Vau, não se resumindo apenas a mão-de-obra escravizada na mineração, mas também como portadores de tradições culturais que influenciaram profundamente a região (SOUZA, 2006, p. 56). A formação da comunidade foi marcada pela economia da extração mineral, com a maioria da população composta por negros escravizados, o que garantiu a centralidade da figura negra na memória local. Pedro Braga foi, em seu tempo, um dos principais responsáveis por transmitir e perpetuar essas histórias em suas narrativas orais e



escritas. Nas histórias contadas por Braga, os negros aparecem frequentemente como protagonistas, e geralmente em situações de opressão, fuga e resistência. Sobre o desenvolvimento de uma parte do território do Vau, o sr. Pedro nos conta que:

Esti rico canal que foi descoberto pelos escravos fujidos o Senhor Joaquim di Paula foi quem levou creçer a fazenda do Delgado ficou sendo a mais rica desta epoca o Semhor Joaquim di Paula adquirio duzentos escravos criou ate cavalhada num Sitio Catarina proçimo ao Vau menos di meio quilometro eli mandou fazer um planalto que ficou o nomi di origem largo da cavalhada (BRAGA, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 106).

No trecho em que menciona o canal descoberto por escravos fugitivos, Braga destaca como eles foram responsáveis por descobertas valiosas, como canais e terrenos férteis, que posteriormente, enriqueceram os senhores de terra, como o Sr. Joaquim de Paula. Ao focar na resistência e nas ações concretas dos escravizados, Braga oferece uma visão na qual os negros têm uma agência significativa, influenciando o desenvolvimento econômico e territorial da região. O fato de os escravizados terem um papel ativo, como na criação de caminhos e no enriquecimento das fazendas, evidencia a centralidade deles nas transformações locais, desafiando a visão convencional que muitas vezes os relegava ao papel de coadjuvantes na história oficial.

É importante notar que, ao abordar a escravidão, Braga frequentemente adota uma perspectiva empática, centrada no sofrimento e nas injustiças vividas pelos escravizados. Abaixo, ele nos conta sobre o desdém com que o Sr. Joaquim de Paula exibia em relação à vida dos seus cativos:

Como era di custumi todo sabado mandar ferrar todos os animais o predileto ferrador pedio um escravo que segurassi o pe dos animais pela falha di sorti do negro não tivo falha comformi deichando escapar o pe do animal ferrador sentio violenta ira deu uma martelada com toda força na nuca do escravo que caio morto
esti ferrador sentindo pavor pela tragedia, reflitio aquela violencia emjusta indo comfeçar com o Semhor Joaquim di Paula o que seria deli pelo crimi que praticou
em resposta o Joaquim di Paula dissu si morreu emterra logo ainda posso comprar outros tantos mandou que outro fizeçi o mesmo serviço (BRAGA, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 106).

No trecho em questão, ele nos narra um incidente brutal no qual um escravo, após deixar o pé de um animal escapar durante uma ferragem, foi vítima de uma reação violenta e irracional do ferrador, que o matou com uma martelada na nuca. Braga não apenas relata o ato de violência, mas também expõe o desprezo pela vida dos escravizados demonstrado pelos senhores, como o caso de Joaquim de Paula, que desconsidera a vida do escravo ao



afirmar que ele pode ser facilmente substituído por outro, comprando "tantos outros" quantos fossem necessários.

Essa passagem revela a crueldade sistemática e a desumanização enfrentada pelos escravizados. Ao expor a insensibilidade do senhor e o ambiente de constante opressão, Braga oferece uma crítica implícita ao sistema escravocrata, ao mesmo tempo em que destaca a injustiça e a brutalidade que marcaram essa época. Seu relato busca humanizar as vítimas dessa violência, ao contrário dos relatos históricos oficiais que, muitas vezes, podem omitir ou minimizar tais abusos. A empatia de Braga pelos escravizados fica clara na maneira como ele se concentra nos detalhes da punição, na falta de remorso do senhor e nas consequências fatais para o escravo, retratando-o como uma vítima de uma estrutura de poder opressora.

Como já nos ensinou Pereira (1996, p. 14), a tradição oral tem uma função prática e educativa, seja transmitindo ensinamentos morais, oferecendo conselhos úteis, estabelecendo normas de conduta ou buscando formas de enfrentar os problemas. Sobre o destino do cruel senhor, Braga nos contou que:

não demorou que o castigo Divino chegou com brevidade baichando uma febre desconhecida matando a maior parte dos escravos e muita gente da família minha mãe contava que a vó dela contava que viu as vítimas desta febre morrer cuspidos os dentes (BRAGA, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 110).

No trecho citado, Braga nos revela uma lição de moral intrínseca, que conecta as ações dos senhores de escravos a uma punição divina. Ao narrar a chegada de uma febre desconhecida que dizimou não só escravos como também membros da família de Joaquim de Paula, Braga tece uma relação de causa e efeito entre a opressão dos senhores e a "justiça divina". A narrativa sugere que a febre é vista como um castigo de Deus pelas crueldades cometidas, criando um paralelo entre o sofrimento imposto aos escravizados e a retribuição sofrida pelos senhores. Esse episódio exemplifica a noção local de que as injustiças e violências cometidas pelos poderosos não ficaram impunes, mesmo que a retribuição venha sob a forma de uma calamidade sobrenatural.

Contudo, ao confrontarmos essa visão com fontes históricas documentadas, como o registro de terras e o inventário de Joaquim de Paula Costa, notamos que a trajetória do senhor de escravos foi, aparentemente, bem-sucedida, ao menos em termos materiais. O inventário de 1871, realizado após sua morte, revela que ele deixou 75 escravos (LEITE ET AL., 2019, p. 10), além de propriedades e terras, indicando que, ao contrário do que a narrativa moral de Braga sugere, ele não terminou sua vida na miséria. Isso expõe uma das tensões fundamentais entre memória e história: a memória pode carregar elementos de



justiça simbólica ou moral que não correspondem diretamente ao mostrado por outras evidências históricas.

No entanto, mesmo que a narrativa não corresponda de fato à realidade sobre o fim de Joaquim de Paula, esse trecho demonstra que, ao longo do tempo, a história dos escravizados sobreviveu no imaginário da comunidade — tenha-se em mente que Joaquim de Paula viveu há mais de cem anos da entrevista com Pedro Braga. Podemos retirar daí, a ideia de que para a tradição oral do Vau, o poder opressor enfrentaria um acerto de contas. A perspectiva de Braga, portanto, incorpora uma dimensão moral à história, na qual as ações dos senhores são lembradas como transgressões, e o castigo surge como uma resposta inevitável à exploração e à violência praticadas no passado; ou seja, uma afirmativa "errada", ainda que psicologicamente "correta" (PORTELLI, 1997, p. 32).

Esses relatos mesmo que, por vezes, exagerados ou misturados com elementos fantásticos, refletem um sentimento de revolta contra as atrocidades cometidas em outros tempos. Sua escrita pode ser vista como uma tentativa de justiça poética, na qual ele expõe as feridas de uma sociedade que, embora já tivesse abolido oficialmente a escravidão, ainda carregava seus traços na cultura e no modo de vida.

Na história já citada, anteriormente, na qual o chefe dos escravos do Senhor Vidigal, conhecido como "Pai Urubu", se utilizou de poderes sobrenaturais para reanimar ossos de um galo que foi servido à mesa, é possível ver essa justiça poética sendo empregada. Pedro Braga nos conta sobre a ruína financeira do senhor Vidigal, que explorava os negros:

O Senhor Vidigal com as riquezas que tirou nos canteiros temtou tirar o emcanalado do Acaba mundo mas pela falha di sorti o volumi dagua ramcou todo cascalho, gastou toda sua emconomia porque era dificil fazer o cerco para dividir a agua, quando já estava reconhecendo um dos escravos saio para aquecer no sol ouvio uma vos dizer já é hora outra respondeu podi nesti momento o cerco deu um estourou rebemtou emcontrando quase todos escravos dento do emcanalado mantando tudo foi mesmo o acaba mundo; afinal o Senhor Vidigal apachonou doou o terreno com casas para uma afilhada e sumio para nunca mais (BRAGA, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 130).

Neste relato descobrimos que o Senhor Vidigal perde tudo que possui devido a um desastre natural — a destruição do "encanalado" e a morte dos escravos. Isso também pode ser lido como uma "justiça poética" que se conecta com o comentário anterior sobre os relatos de Braga. Embora Braga nunca tenha testemunhado diretamente a escravidão, ele utiliza sua escrita para expressar um sentimento de revolta contra as injustiças desse sistema. Mesmo que o evento em si contenha elementos fantásticos ou exagerados, a história do Senhor Vidigal sugere um castigo divino para o sistema que explorava o trabalho escravo.

Abaixo, na fotografia de 1868 capturada por Augusto Riedel⁸, revela-se que a lavra de diamantes do senhor Vidigal era, de fato, um canal, confirmando o relato de Pedro Braga — realizado 120 anos depois da tomada da fotografia. Nela, podemos ver a estrutura linear que segue ao longo do rio Jequitinhonha. Além disso, a fotografia destaca as pequenas choças presentes nas encostas da lavra, que muito provavelmente, eram as moradias dos escravizados. Essas estruturas são similares às descritas por Spix e Martius (1824) em sua passagem pelo Vau, onde observaram as condições precárias em que os escravizados viviam.



Figura 1. Lavra de diamantes do Sr. Vidigal no rio Jiquetinhonha (Riedel, 1868).

⁸ Augusto Riedel, fotógrafo alemão que acompanhou a expedição liderada pelo duque de Saxe, dom Luís Augusto de Saxe-Coburgo-Gota, genro do imperador Pedro II, ao interior do Brasil em 1868. Esta viagem, documentada em um álbum intitulado Viagem de S.S.A.A. Reaes Duque de Saxe e seu Augusto Irmão D. Luis Philippe ao Interior do Brasil no Anno 1868, teve o objetivo de explorar e registrar regiões de grande interesse econômico e natural do Brasil, como as áreas de mineração de diamantes (Enciclopédia Itaú Cultural. Acesso em 12/09/2024).



A fotografia de Riedel mostra o árduo processo de "tiragem de cascalho" na lavra de Vidigal, permitindo-nos visualizar o cenário descrito por Braga. Isso reforça a conexão entre as histórias orais e a realidade da mineração de diamantes no século XIX. No imaginário de Braga, o Sr. Vidigal tenta expandir sua riqueza com o trabalho dos escravizados, mas acaba falhando. Isso pode ser interpretado como uma metáfora para as falhas morais da escravidão. O desastre no "Acaba Mundo" surge como a punição inevitável. Isso reflete o desejo de Braga de lembrar os erros do passado e exibir como a natureza (ou o divino) retribui de forma implacável a ganância e a crueldade. Essa narrativa reforça a visão de que as lições morais são uma parte fundamental das histórias transmitidas por Pedro Braga.

O Sr. Pedro também destaca a resistência dos escravizados. Em suas narrativas, os cativos não aparecem apenas como vítimas passivas, mas como agentes de sua própria história, que tentavam sobreviver em um sistema brutal. No trecho abaixo, em continuação à história do assassinato da escravizada Luzia, ele nos conta como um escravo foi incumbido de realizar uma tarefa brutal, a de enterrar vivo o colega que havia cometido tal crime:

Quando correu a tristi notícia o Joaquin di Paula mandou amarrar esti escravo e chamou um dos escravos que servia na cozinha. Venha comigo aqui no fundo da fazenda mostrando ondi fizeçi uma cova dando explicação como era fundura e largura. Ataves di juenta o escravo foi a fazenda chamar para ver si estava legal como queria. O Juaquin di Paula dissu esta como eu pedi agara vai a sanzala e traz o negro que esta amarrado para nós enterrar eli aqui vivo
esti escravo na maior preção di raiva dissu pelo Semhor einterra o Semhor eu não já fiz o que mandou o Juaquin di Paula di tanto medo que tevi desti escravo foi a fazenda pegou o papel e deu eli a carta di forria e dissu somi para eu não ver nem um sonho; Mandou outros emterrar o vitima vivo. (BRAGA, Pedro. Escritos. Caderno nº 06, 1988, p. 108-110).

O escravo escolhido para a tarefa, apesar da pressão e do medo, demonstra resistência ao opressor, verbalizando sua recusa em continuar o ato desumano ao dizer: "eu já não fiz o que o senhor mandou?". A frase, ainda que proferida sob intensa tensão, revela um gesto de resistência. Em vez de obedecer cegamente às ordens cruéis, o escravo, tomado pela raiva e talvez pelo sentimento de culpa, se nega a continuar sendo cúmplice de uma violência que ele considera extrema.

Essa narrativa oferece um exemplo de como os cativos, mesmo dentro de um sistema brutal, ainda buscavam formas de resistir e preservar sua humanidade. O ato de resistir à tarefa, e o fato de o escravo conseguir a carta de alforria como consequência de sua recusa, mostra que os escravizados não eram apenas vítimas passivas, mas agentes que tentavam influenciar seu próprio destino, mesmo que em situações de extremo perigo. Nesse sentido, o Sr. Pedro retrata o escravo não apenas como uma figura submissa, mas como alguém que, apesar das circunstâncias, tenta agir com uma moral própria e autonomia.



Embora Pedro Braga não tenha testemunhado a escravidão em primeira mão, as histórias de seus pais e avós, somadas às tradições orais da comunidade, lhe permitiram construir um repertório de memórias que transcende sua própria experiência de vida. Em seus escritos e relatos, Braga chega a identificar agentes históricos, como os bandeirantes, e acontecimentos recuados no tempo, como a Real Extração⁹ e nomes de fazendas da época, o nome colonial do atual município de Serro, Vila do Príncipe, e até mesmo uma história envolvendo a célebre personagem histórica, Chica da Silva. Pedro Braga nos relata que seu pai:

contava sobre uma cena muito cruel da Chica da Silva. Porque ela foi escrava e depois pegou a ter escravo. O João Fernandes, que era o encarregado do rei, alucinou-se por ela. Então, ele dava ela todo o direito dela fazer o que ela desejasse. Disse que um dia, veio um cometa trazendo a embaixada do Rio, ou de São Salvador que era a capital da Bahia. Entrevistador: Cometa é um mensageiro, né?

É, um mensageiro. Ele é um camarada. Então, passando em frente à casa da Chica da Silva, disse que ele sentiu sede e pediu ela água: "ô dona, a senhora pode arranjar pra mim um copo d'água?". Ela foi e mandou chamar uma escravazinha: "trás água pra esse moço aí". Disse que a escrava veio com a bandeja e o copo com água e ele tomou a água e... não sei o que que houve na hora de tomar a água... a escrava riu. Riu e mostrou a ele os dentes. Disse que ele ficou em observação assim e disse pro companheiro dele: "mas que dentadura perfeita, nunca vi tal qual". Então, quando ele chega lá no hotel onde ele estava hospedado, o dono, o proprietário do hotel falou pra ele: "seu moço, ó, vou te dar um conselho! Acho bom você ir embora o quanto antes porque aqui tem um presente pra você desagradável". "Uai, mas então vamos ver esse presente". E de lá ele trouxe uma travessazinha com os dentes da escrava arrancados a torquês. Ela mandou arrancar e mandou dar ele de presente (BRAGA, Pedro. 1988. Entrevista realizada por Reinaldo Martiniano Marques).

O trecho da entrevista revela uma visão específica do imaginário popular sobre Chica da Silva, retratando-a como uma figura cruel. Na narrativa, Chica da Silva é apresentada como uma ex-escravizada que, ao ganhar poder e influência por meio de sua relação com João Fernandes, se comporta de maneira tirânica e vingativa. Nesta história, a seu mando, ela pune uma escravizada com o arrancamento dos dentes para, em seguida, serem entregues como um presente macabro ao mensageiro. Isso serve para ilustrar a crueldade associada a ela no folclore local.

⁹ Em 1771, a Coroa Portuguesa resolveu assumir a própria extração e comercialização das pedras de diamante, alegando que não conseguia impedir as fraudes dos contratadores, controlar a população, e, com isto, impedir a garimpagem e o contrabando. Pelo Regimento Diamantino, editado em agosto de 1771 e que ficou conhecido como O Livro da Capa Verde, a Coroa criou uma administração própria – a Junta Diamantina – composta por um intendente, um fiscal e três caixas, subordinada a uma Administração Diamantina sediada na cidade de Lisboa (FURTADO, 1996. p. 26-27). Este sistema perdurou até mesmo depois da Independência do Brasil (1822), sendo a Real Extração extinta por decreto apenas em 1832.



Esse tipo de história ajuda a perpetuar uma imagem de Chica da Silva que contrasta com outras narrativas que a veem como uma mulher que superou adversidades e utilizou seu poder para ascender socialmente. Segundo Júnia Furtado, “por causa do preconceito, Chica da Silva jamais é mostrada em sua inteireza. Nem o justíssimo Joaquim Felício dos Santos escapou ao chamá-la “negra boçal” (FURTADO, 2003, p. 403). A dualidade nas representações de Chica da Silva reflete as complexas percepções sobre figuras históricas, especialmente aquelas que quebram barreiras sociais e de gênero em contextos de escravidão e colonialismo.

Para Portelli (1997, p. 32), as misturas de tempos, espaços e detalhes anacrônicos, apesar de errados, são psicologicamente corretos, pois indicam como as memórias e tradições são reinterpretadas e adaptadas ao longo do tempo, refletindo as mudanças na sociedade e na cultura. No caso de Pedro Braga, a inserção de elementos modernos na narrativa sobre Chica da Silva pode indicar uma tentativa de tornar a história mais compreensível ou relevante para o público contemporâneo, ao mesmo tempo que preserva os aspectos essenciais do conto tradicional.

A memória coletiva, tal qual apontado por Portelli (1997, p. 33), não segue os mesmos critérios de precisão histórica que a documentação oficial. Para Pedro Braga, as histórias que ouviu sobre a escravidão, os senhores de engenho, e as vidas dos cativos não precisam ser factuais para ter relevância. Elas estão impregnadas de valores simbólicos, morais e emocionais que vão além do registro documental. Nesse sentido, seus relatos, frequentemente, mesclam elementos que podem ser considerados exageros ou fantasias — como no caso de escravizados que resistem a opressões de maneira épica. Assim, mesmo que Braga não tenha testemunhado pessoalmente a escravidão, sua reconstrução narrativa serve para manter viva a memória dessa parte trágica da história, de forma que ela continue a ser discutida e refletida por futuras gerações.

Como já destacou Portelli, a oralidade tem sua própria lógica, que não deve ser julgada pelos mesmos critérios de outros documentos tradicionais. A memória, muitas vezes, molda-se a partir de “fantasias” ou distorções que não buscam enganar, mas sim fazer sentido dentro de um contexto cultural e comunitário específico. A escolha de Braga em se concentrar em certos eventos, ampliá-los ou transformá-los, não é fruto de um desejo de deturpar a história, mas sim, de uma tentativa de dar voz a histórias silenciadas. Ao contar suas versões das histórias de escravos e senhores, ele dá forma a uma narrativa que, embora diferente da oficial, reflete as percepções e sentimentos da comunidade em relação ao passado.



Nas representações de Braga, o trabalho árduo dos escravizados nas fazendas e a violência que sofriam nas mãos de seus senhores são temas recorrentes. Braga dá ênfase aos castigos físicos, ao desamparo e à dor enfrentados pelos escravizados. Além disso, ele utiliza símbolos e figuras que reforçam o imaginário da opressão e da resistência. Entre eles, relembramos o personagem "Pai Urubu", cuja história, anteriormente citada, é impregnada de significados profundos sobre o poder, a resistência e a capacidade dos escravizados de moldar seus destinos, mesmo em meio a circunstâncias desumanas.

Os escravizados são retratados como figuras centrais na história local, sendo responsáveis por muito do que foi construído, tanto fisicamente quanto culturalmente. A memória do trabalho escravo e das lutas por liberdade é essencial para a compreensão do Vau e de suas tradições, e Braga se comprometeu a garantir que essas histórias fossem transmitidas para as gerações futuras. Suas narrativas não são apenas sobre o passado distante, mas sobre como esse passado continua a influenciar a identidade presente da comunidade. Nos versos abaixo, ele nos conta como o trabalho extraído à força não trouxe bons frutos:

Pedro Braga: Pai rouba, filhos come. Acabou toda riqueza, ficando os netos com fome.

Entrevistador: (...) o senhor tá me falando que os grandes fazendeiros que tinham as grupiarias¹⁰ aqui dessa região, eles acabaram pobres.

Pedro Braga: É, pobres sim. Porque sugaram o suor dos cativos, ainda com regularidades, com severidades. Deus fez justo.

Entrevistador: E quando veio a abolição...

Pedro Braga: Eles tiveram condição de ver. Acabou ficando pobre. Não tinha o braço pra trabalhar.

Entrevistador: Aí perderam as fazendas.

Perdeu. Acabaram tudo na miséria os descendentes.

(BRAGA, Pedro. 1988. Entrevista realizada por Reinaldo Martiniano Marques).

No trecho apresentado, o Sr. Pedro reflete sobre as mudanças na fortuna e na posição social das gerações que se seguiram aos senhores de escravos e aos ricos exploradores de sua época. Ele lamenta que, apesar das riquezas que foram extraídas do Vau, a comunidade não se desenvolveu como poderia.

Ele ainda aponta que os descendentes dos poderosos senhores, que usufruíram do trabalho escravo, não mantiveram a riqueza de seus antepassados e acabaram empobrecidos. É possível perceber uma lição de moral em relação à exploração do trabalho alheio, indicando que aqueles que enriqueceram com o suor dos outros não tiveram um final glorioso. Ao dizer que o "pai rouba e os filhos comem, ficando os netos com fome", Braga

¹⁰ Uma grupiara é um tipo de cascalho que contém ouro ou diamantes, especialmente encontrado em áreas de garimpo. O termo, recorrente nas narrativas de Pedro Braga, é utilizado para descrever locais onde a extração desses minerais preciosos é possível e valiosa.



evidencia a ideia de que a riqueza mal adquirida não se sustenta ao longo das gerações, levando ao declínio e à miséria.

Dessa maneira, Braga constrói um legado oral que mantém viva a memória dos escravizados no Vau, não apenas como um tributo ao sofrimento que eles suportaram. Ao transmitir suas narrativas, ele garante que a história da escravidão e seus impactos na comunidade nunca sejam esquecidos, e que a luta e a resistência dos escravizados permaneçam como parte integrante da identidade local.

CONCLUSÃO

Ao tratar dos escravizados em suas narrativas, Pedro Braga não apenas reconstrói a memória de um tempo marcado pela exploração e opressão, mas também propõe uma reflexão crítica sobre como essa herança moldou a identidade do Vau e de seus habitantes.

Especialmente no que tange às representações dos escravizados, as narrativas de Pedro Braga mostram um profundo respeito por essas figuras históricas que moldaram a região de Diamantina. Em seus escritos, ele evoca as experiências dos escravizados não apenas como vítimas, mas como protagonistas de uma história de resistência, sofrimento e trabalho árduo. Nessas histórias, ele cria uma teia narrativa que mistura lenda, memória e história.

Essas narrativas são fundamentais para a preservação da memória coletiva da comunidade do Vau. Mesmo que às vezes fantasiosas ou exageradas, elas garantem que a história dos escravizados permaneça viva nas memórias e nas tradições da região. Além disso, ao trazer essas histórias para o presente, nosso narrador do Vau oferece uma reflexão crítica sobre as injustiças do passado e a forma como elas ainda reverberam na vida contemporânea. O impacto da obra de Pedro Braga no entendimento histórico da região de Diamantina é inestimável, oferecendo uma lente através da qual podemos enxergar o passado e o presente com maior clareza.

REFERÊNCIAS

CAFFÉ, Eliane. **Narradores de Javé**. Direção: Eliane Caffé. Produção de Bananeira Filmes, Gullane Filmes, Laterit Productions, Riofilme. Brasil: Riofilme, 2004.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Coimbra: Editora Quarteto, 2001.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **Apresentação**. ENTRE-LUGAR, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–17, 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/issue/view/33>. Acesso em: 15 set. 2024.



FURTADO, Júnia F. **O livro da capa verde: o regimento diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da real extração**. São Paulo, Annablume, 1996.

FURTADO, Júnia F. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 1924. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP. Editora da UNICAMP (Coleção Repertórios), 1990.

LEITE, Matheus de M. G.; PINTO, Shara G. S.; ZANON, Márcia C. G.; RIBEIRO, André T.; BERNARDO, Jonathan M. **Territórios quilombolas e emancipação humana: a reconstrução da estrutura agrária brasileira a partir do reconhecimento de direitos étnicos**. In: CBEU, Natal, 2018. Anais... Natal: CBEU, 2019. Disponível em <https://cedefes.org.br/artigo-territorios-quilombolas-e-emancipacao-humana-reconstrucao-da-estrutura-agraria-brasileira-a-partir-do-reconhecimento-de-direitos-etnicos>. Acesso em 09/09/2024.

MARQUES, Reinaldo Martiniano. **Quem conta um ponto aumenta um ponto**. Coleção Quem Sabe Faz. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1998.

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. **O Artesão da Memória no Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1996.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: Projeto História. São Paulo (14) fevereiro, 1997.

RIEDEL, Augusto. **Lavra de diamantes do Sr. Vidigal no rio Jiquetinhonha: tiragem de cascalho**. 1868-1869. 1556 x 1378 pixels. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/317>. Acesso em: 10/09/2024.

RIEDEL, Augusto. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa204742/augusto-riedel>. Acesso em: 12 de setembro de 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, [1830], 2004.

SPIX & MARTIUS. [1824] 1981. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte; Edusp, São Paulo.

SOUZA, Josiley Francisco de. **Pedro Braga: uma voz no Vau**. Orientadora: Sonia Maria de Melo Queiroz. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FONTES

BRAGA, Pedro Cordeiro. **Escritos do Sr. Pedro Braga (Caderno 06)**. Digitalização e transcrição por Lúcia Nascimento em 2001/2002 (236 páginas). Vau, 1988.

ENTREVISTAS

BRAGA, Pedro Cordeiro [71 anos]. [abril de 1988]. Entrevistador: Reinaldo Martiniano Marques. Povoado do Vau, Diamantina, MG, abril de 1988.